

Representações sociais: tropa de choque da Polícia Militar de Goiás e os vândalos

RESUMO

palavras-chave:
Representações sociais.
Tropa de Choque.
Polícia Militar.
Vândalos.

Este artigo tem o objetivo de apresentar as representações sociais de policiais militares da Tropa de Choque de Goiás sobre os indivíduos que foram denominados de vândalos nas manifestações públicas de protestos ocorridas no estado de Goiás e vários centros urbanos do Brasil no ano de 2013. Esse grupo de manifestantes não estão descritos em manuais operacionais de tropas de choque, no entanto, foram explorados em notícias e reportagens pelos meios de comunicação, principalmente nos jornais escritos e televisionados e na internet. Este artigo traz um recorte da pesquisa referente à cultura policial, na qual foi realizado 15 entrevistas individuais e aplicado um questionário a 150 policiais militares do Batalhão de Choque da Polícia Militar de Goiás com o objetivo de captar as representações sociais sobre protestos e manifestantes.

ABSTRACT

key-words:
Social representations.
Riot Troop.
Military Police.
Vandals.

This article aims to present the social representations of military police of the Shock Troop of Goiás on the individuals who were denominated vandals in the public manifestations of protests occurred in the state of Goiás and several urban centers of Brazil in year 2013. This group of demonstrators are not described in shock troop operative manuals, however, have been exploited in news and media reports, especially in the written and televised newspapers and the internet. This article brings a survey of the police culture research in which 15 individual interviews were conducted and a questionnaire was applied to 150 military police of the Battalion of Shock of the Military Police of Goiás with the objective of capturing the social representations about protests and demonstrators.

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2013, o Brasil teve ruas ocupadas em diversas cidades brasileiras por manifestações públicas. Em Goiânia – Goiás, por exemplo, nos meses de maio e julho daquele ano, ocorreram várias ações coletivas de protestos nas ruas, entre elas, ocupações temporárias em terminais de ônibus com reivindicações de melhorias no transporte público coletivo e na redução das tarifas, bem como o “passe livre” das passagens.

Tais ações eram promovidas por jovens, geralmente estudantes, em conjunto com ações coletivas organizadas pelo Movimento Passe Livre (MPL), que ocorreram em outras capitais brasileiras. Vários desses protestos culminaram em confrontos com a polícia, com ações repressivas, por parte dela, na tentativa de evitar violações à ordem pública, ações contra o patrimônio, incêndio de ônibus, arremesso de pedras contra vidraças de lojas ou contra policiais, e contra pessoas inocentes, sejam outros participantes do protesto e outros.

Sucederam-se inúmeros eventos de protestos. No início, eram organizados pelos coletivos MPL e/ou Tarifa Zero, mas a partir do mês de junho, outros movimentos, associações, sindicatos, espectadores e pessoas da sociedade em geral mobilizaram-se

*Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás / UFG.
leondenis1978@gmail.com.

e foram às ruas, pois não faltaram chamamentos.

A partir de então, multidões ocuparam os espaços públicos para reivindicar e apresentar sua contestação às várias ações e condutas de descaso, corrupção de autoridades políticas e sua desaprovação pela ineficiência de instituições sociais. As mobilizações dos manifestantes ocorriam por meio de redes sociais, concretizadas por meio da reunião real de pessoas em manifestações de rua, incluindo marchas, ocupações de espaços públicos, como praças, avenidas, prédios governamentais, terminais de transporte coletivo, e com uso de faixas, cartazes, camisetas, bandeiras e canções.

Houve presença de inúmeros grupos da sociedade civil, de movimentos sociais, sindicatos, partidos políticos, estudantes e também daquelas pessoas que simplesmente foram pela novidade do fenômeno social, talvez sem a consciência ou interesse de manifestação e participação política. Uma heterogeneidade social.

Em alguns estados da federação, a mídia tradicional explorou a visibilidade de “grupos” que, até então, não havia entrado em cena nos protestos brasileiros: os chamados Black Blocs (caracterizados por roupas pretas e máscaras adeptos de táticas ou ações com destruição de instalações públicas, bens particulares, principalmente, com danos a bancos e empresas que simbolizam o capitalismo, sob a justificativa da opressão do sistema capitalista e a repressão, alguns denominam de violência política, a qual não se compara à violência cotidiana provocada pelo “sistema”) e os Anonymous (mais conhecidos pelo uso das máscaras inspiradas em Guy Fawkes, popularizadas pelo filme V de Vingança).

Todavia, foram as táticas dos Black Blocs e a atuação das polícias militares de dispersão desses grupos que ocuparam as imagens e noticiários dos meios de comunicação de massa e alternativos e, de um modo geral, as redes sociais. Alguns estereótipos ficaram no imaginário popular, ora se referindo a manifestante ora aos policiais: “violentos”, “baderneiros”, “truculentos”, mas o termo “vândalos” parece ter se destacado nas representações sociais dos brasileiros.

Nesse contexto, originou-se a necessidade de analisar tal fenômeno mais de perto, o que culminou na pesquisa cujo objetivo foi compreender quem são os “vândalos” a partir das representações sociais de policiais militares da Tropa de Choque de Goiás.

2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: INSTRUMENTO TEÓRICO- METODOLÓGICO

Esta pesquisa buscou empiricamente por meio da teoria das representações sociais explicar e compreender sociologicamente o conhecimento da tropa de choque acerca dos protestos e dos manifestantes. Buscou-se apreender o conteúdo dessas representações - os sentidos, valores, crenças e ideologias - decorrente dessa complexa relação social entre polícia e manifestantes, Estado e sociedade.

Sabe-se que a teoria das representações sociais (TRS) tem suas origens na teoria das representações coletivas de Émile Durkheim presente em suas obras durante a sua criação sociológica, vinculando-a ao método e objeto de estudo em sua teoria sociológica.

Para Durkheim, as representações são expressões de pensamento (coletivo), crenças, comportamentos e sentimentos produzidos pela coletividade. As

representações coletivas são definidas pela sociedade, de caráter exterior, impostas aos indivíduos, sendo introduzidas e materializadas em práticas sociais. (COSTA, 2015).

Posteriormente, Serge Moscovici inspirou e desenvolveu uma forma sociológica de psicologia social, cuja base dessa TRS é encontrada em sua tese de doutoramento no ano de 1961, *A Psicanálise, a sua imagem e seu público* (MOSCOVICI, 2012). Nesse estudo, ele reconstruiu as reflexões da teoria durkheimiana de representações coletivas, rejeitando alguns de seus aspectos para elaborar seu quadro teórico de TRS com ênfase na importância dos saberes populares, das crenças, rituais produzidos nas relações sociais do cotidiano e socialmente partilhados pelos indivíduos de uma sociedade, ou seja, como o conhecimento do senso comum era produzido.

Para Guareschi (2013), Moscovici buscou superar a visão positivista das ciências sociais presente na teoria das representações coletivas, proporcionando um caráter dinâmico e explicativo. Daí ele distanciou-se de Durkheim, em que as representações eram fenômenos sociais gerais dominantes e estáticos, assim como a religião e o mito, fenômenos com condição própria de sociedades estáticas ou “primitivas”.

Em posição contrária, Moscovici (2012) postulou que as representações sociais eram dinâmicas e encontravam-se impregnadas nas comunicações e relações sociais dos indivíduos, e que sua circulação dava-se pelo discurso, pelo gesto nas interações do cotidiano.

Para que não haja confusão, Moscovici (2012, p.47) salientou que as representações sociais não eram reproduções de comportamentos como uma reação a um estímulo, mas tratava-se da produção desses e de suas relações com o ambiente, ligado às relações com o objeto, e, por conseguinte, resultava na produção da ação que modifica uns e outros.

Tanto que o próprio Durkheim afirmava que a psicologia social deveria se preocupar como as RS são evocadas e excluídas, se eram fundidas ou diferenciadas, algo que não foi obtido em sua teoria.

A definição ou concepção teórica de representações sociais de Jodelet (2001, p.22) é bastante esclarecedora: “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Denota-se a relevância das representações sociais como forma de enxergar e compreender uma realidade:

As representações expressam aqueles (indivíduos ou grupos) que as forjam e dão uma definição específica ao objeto por elas representado. Estas definições partilhadas pelos membros de um mesmo grupo constroem uma visão consensual da realidade para esse grupo. Esta visão, que pode entrar em conflito com a de outros grupos, é um guia para as ações e trocas cotidianas – trata-se das funções e da dinâmica sociais das representações. [...] as representações sociais enquanto sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros – orientam organizam as condutas e as comunicações sociais. Da mesma forma, elas intervêm em processos variados, tais como a difusão e a assimilação de conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais. (JODELET, 2001, p. 21-22).

Desse modo, os sujeitos elaboram as representações sociais como saberes práticos que orientam as comunicações e os comportamentos perante o mundo. Por

outro lado, as RS expressam a dimensão cognitiva, afetiva e social desses sujeitos como resultado da interação sujeito-objeto, levando em consideração a análise do contexto social da produção.

Isso porque as representações estão apoiadas em valores e saberes em consonância com as significações dadas pelos grupos sociais normalmente ligados a sistemas de pensamentos ideológicos e culturais, às instâncias das instituições, às redes de comunicações informais ou da mídia que formam uma rede de representações.

Na visão de Spink (2013), Jodelet reuniu o campo de estudo das RS em dois debates: as RS como uma forma de conhecimento prático guiado para compreender o mundo e para o ato de comunicação; e para outras construções e expressões elaboradas pelos sujeitos que dão interpretação e significação ao objeto representado a partir de interações no cotidiano.

Em suas palavras, Jodelet (2001, p.22) as representações sociais são ao mesmo tempo compreendidas como “produto e processo de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento e de elaboração psicológica e social da realidade”.

Ainda segundo Jodelet (2001), os indivíduos têm a necessidade de criar representações, porque são saberes práticos que os guiam na forma de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade, seja na interpretação, nos posicionamentos seja nas tomadas de decisões como suporte para que os indivíduos adaptem-se o comportamento e ação a situações não familiares.

Essas são contribuições importantes sobre a TRS, porém pretende-se fazer uso do entendimento dessa teoria a partir da leitura e notas metodológicas discutidas e trabalhadas por Porto (2010), que tem evidenciado a importância teórico-metodológica do conceito como estratégia do conhecimento do social (2004, 2006, 2010, 2014), cujo emprego é de forma “utilitarista”.

Porto (2010) assume as representações sociais como um todo e no plural, como blocos de sentidos em articulação com outros blocos de sentido seja em situação consenso, concorrência ou divergência, mas como uma rede de significados que o conteúdo acessado possibilita ao analista ou pesquisador avançar o conhecimento da realidade. Nessa perspectiva teórica, não se preocupa em diferenciar uma representação falsa de uma verdadeira, e nem mesmo se são representações cotidianas ilusórias.

Então, os conteúdos das representações sociais são os sentidos, as crenças, os valores presentes na base das ações e relações sociais dos indivíduos em sociedade, conforme Porto (2014, p.62) simplificou a definição: “são noções, teorias práticas que os indivíduos constroem para se situar no mundo que os rodeia, explicá-lo e apreender à sua maneira de ser”. E como tal a teoria das representações sociais é um instrumento teórico metodológico adequado à análise sociológica dos fenômenos sociais.

Segundo Porto (2010), podem ser, na maioria das vezes, oriundas de instituições sociais, como igrejas, Estado, grupos e associações que produzem os valores, as práticas que os indivíduos consomem e dão sentido ao cotidiano das modernas sociedades, valores os quais estão sob a forma de leis, convenções, usos, costumes e hábitos.

Nesse entendimento, esse estudo busca captar o sentido da ação dos indivíduos presentes nas representações, levando em consideração o ambiente ou contexto social em que estão inseridos, pois o sentido dessas representações e experiências são interdependentes do sistema. Consideramos, ainda, que Porto (2010) ensina que o

conhecimento por intermédio das representações é obtido mediante o ato de interrogar a realidade sobre o que se pensa e é dito sobre ela. Nesse sentido, o uso de tal teoria implica em alguns pressupostos presentes em reflexões teóricas e análises empíricas:

- a) embora resultado da experiência individual são condicionadas pelo tipo de inserção social dos indivíduos que as produzem;
- b) expressam visões de mundo objetivando explicar e dar sentido aos fenômenos dos quais se ocupam, ao mesmo tempo em que;
- c) por sua condição de representação social, participam da constituição desses mesmos fenômenos;
- d) apresentam-se, em sua função prática, como máximas orientadoras de conduta;
- e) admitem existência de uma conexão de sentido (solidariedade) entre elas e os fenômenos aos quais se referem, não sendo, nem falsas nem verdadeiras, mas a matéria prima do fazer sociológico (PORTO, 2005 apud PORTO, 2010, p.68).

Foi nesse quadro teórico-metodológico de representações sociais trabalhadas por Porto, que fizemos interrogações aos policiais sobre o que pensam a respeito dos manifestantes e suas atitudes, indagamos quais seriam suas representações, significações e explicações que davam aos protestos.

Enfim, a pesquisa buscou compreender as representações dos policiais da tropa de choque da PMGO sobre os protestos e os manifestantes - quais visões de mundo, crenças e saberes os policiais elaboraram, partilharam para darem sentido e explicação a esse fenômeno da realidade.

A pesquisa de campo foi a combinação da abordagem qualitativa e quantitativa. Procedeu-se a uma análise dos principais documentos que normatizam as condutas e valores de grupo de policiais, isto é, os manuais ou doutrinas de tropa de choque. Realizou-se entrevistas individuais com 15 policiais e a aplicação de questionário em 150 integrantes do batalhão da Tropa de Choque da PMGO. Para a construção e aplicação dos questionários, baseou-se nas leituras de Selltitz (1974) e para as entrevistas as considerações de Flick (2004).

Para a análise das representações sociais presentes nos discursos dos policiais entrevistados, nos manuais de técnicas e condutas a fim apreender os valores, as crenças, que orientam as ações e os pensamentos na prática profissional. Julgou-se muito pertinente as considerações de Porto:

Quando se trabalha com análise de representações sociais — nas quais as afirmações e a argumentação elaboradas pelos entrevistados estão permeadas por conteúdos valorativos (muito das afirmações do senso comum possuem essa característica) — o não-dito, as lacunas, as fissuras conformam, tanto quanto o dito, o conjunto do material a ser analisado, pois é do confronto entre as afirmações e os “esquecimentos” que poderá emergir um maior conhecimento acerca da realidade, objeto da fala. Entre o dito e o interdito, o pesquisador tem a tarefa de produzir suas análises, lembrando sempre que é no interior da própria formação discursiva (que abarca tanto o permitido quanto o proibido) que se encontram os não-ditos e

Foi nesse quadro de análise que se buscou compreender o discurso dos policiais militares, apreender o sentido das ações, das narrativas, das palavras ditas e das não ditas. Interpretar as afirmações, as argumentações e as negativas, o estranhamento e a naturalidade das opiniões, das crenças e dos valores e também debater por que certos pontos de vistas precisaram de justificativas e outros não.

Ainda, vale ressaltar que, segundo Porto (2014), as representações sociais obtidas das análises da pesquisa não são e não podem ser o ponto de chegada, mas necessariamente o ponto de partida para que se possa compreender as causas e ou os efeitos de tais representações no processo de compreensão do sentido e da orientação da ação ou das condutas dos indivíduos em relação ao objeto representado.

3 TROPA DO BATALHÃO DE CHOQUE DA POLÍCIA MILITAR DE GOIÁS E OS VÂNDALOS

A polícia é a instituição responsável pela segurança pública no interior de uma comunidade e a que tem competência para fazer o uso legítimo da força. Uma das funções desempenhadas pela polícia é o controle da ordem pública nas manifestações públicas e protestos em geral.

Conforme Costa (2016a), a Tropa de Choque é pertencente ao Batalhão de Choque situado no Setor Marista em Goiânia - GO, cujo efetivo ou a quantidade de policiais existentes é de 167 policiais militares, sendo 10 oficiais e 157 praças. É uma unidade estruturada em duas companhias de serviços: Companhia de Policiamento de Choque e Companhia de Policiamento de Cães, além das atividades administrativas ou internas. Na estrutura organizacional, o batalhão está subordinado ao Comando de Missões Especiais (CME), e esse apenas ao Comandante Geral da PMGO, por conseguinte, ao Governador do Estado.

É empregado em suas funções em todo o Estado de Goiás em apoio à resolução de situações que tenham necessidade da atuação de uma tropa de choque. Uma maior compreensão acerca da Tropa de Choque da Polícia Militar de Goiás pode ser encontrada no Goiás (2015) e no estudo de Alexandre Henriques da Costa (2010) que aborda os aspectos legais e princípios doutrinários do emprego desse grupamento de policiais militares.

A esses policiais que nossos questionamentos foram dirigidos, utilizando como técnica de coleta de dados o questionário, obtivemos algumas informações relativas aos policiais do BPMChoque. A aplicação foi direcionada a 150 policiais (dos 167 existentes no período entre junho e novembro do ano de 2015), foi respondido por 7 oficiais (4,7%) e 143 praças (95,3%).

Todos os policiais passam por uma especialização e treinamento para trabalhar no BPMChoque. Sendo que dos respondentes, 114 policiais (76%) possuem o Curso de Operações de Choque (COC), 25 (16,7%) possuem o curso que habilita a trabalhar com cães e os 11 policiais restantes (7,3%) possuem o Estágio Operacional, capacitação necessária até a abertura do próximo curso. Quando indagados sobre as preferências de atuação, 80 (53,3%) escolheram a tarefa de “controle de distúrbios civis” e 70 (46,7%) dos

policiais apontaram o “patrulhamento motorizado”.

As informações básicas sobre o perfil dos policiais (idade, tempo de serviço na corporação, tempo de trabalho na Tropa de Choque e o grau de escolaridade) do BPMChoque coletadas no ano de 2015 (COSTA, 2016) estão apresentadas nas Tabelas nº 1, 2, 3 e 4 abaixo, que por si só, expressam algumas características sociais do grupo.

Tabela 1 - A faixa etária dos policiais militares do BPMChoque

	Frequência	Porcentagem
Entre 20 e 25 anos.	8	5,3
Entre 26 e 30 anos.	48	32,0
Entre 31 e 35 anos.	46	30,7
Entre 36 e 40 anos.	18	12,0
Mais de 41 anos.	30	20,0
Total	150	100,0

Fonte: Questionário da Pesquisa, 2015.
(Elaboração própria).

Tabela 2 - Tempo de serviço na Polícia Militar

	Frequência	Porcentagem
Até 5 anos.	69	46,0
Entre 5 e 10 anos.	15	10,0
Entre 11 e 15 anos.	30	20,0
Entre 16 e 20 anos.	14	9,3
Acima de 21anos.	22	14,7
Total	150	100,0

Fonte: Questionário da Pesquisa, 2015.
(Elaboração própria).

Tabela 3 - Tempo de trabalho na Tropa de Choque

	Frequência	Porcentagem
Entre 5 anos e 10 anos de serviço.	19	12,7
Entre 1 ano e 2 anos de serviço.	33	22,0
Entre 2 anos e 5 anos de serviço.	15	10,0
Mais de 10 anos de serviço.	31	20,7
Menos de 1 ano de serviço.	52	34,7
Total	150	100,0

Fonte: Questionário da Pesquisa, 2015.
(Elaboração própria).

Tabela 4 - Grau de escolaridade dos policiais militares do BPMChoque

	Frequência	Porcentagem
Ensino Fundamental.	3	2,0
Ensino Médio completo.	23	15,3
Ensino Médio Incompleto	5	3,3
Ensino Superior completo.	88	58,7
Ensino Superior incompleto.	7	4,7
Especialização.	24	16,0
Total	150	100,0

Fonte: Questionário da Pesquisa, 2015.
(Elaboração própria).

Outras informações relevantes extraídas das respostas do questionário referem-se à relação dos policiais com os protestos e outras peculiaridades do tema. Por exemplo, 92,7 % dos policiais respondentes já trabalharam diretamente como integrante da tropa de choque na atividade de intervenção em manifestações públicas e protestos em geral.

Quanto à participação ou não em alguma manifestação pública ou protesto social após ter se tornado policial militar, 62,7% responderam que não participaram e/ou não participaria e 37,3% responderam favoráveis a participação.

Sobre a ocorrência de protestos em Goiânia-GO, 92,7 % dos policiais militares da tropa de choque considera importante, e quanto à frequência com o aumento quantitativo dos eventos, 60,7% dos policiais são favoráveis a maior incidência de protestos e 39,3% são desfavoráveis.

Quanto ao grau de importância dos eventos de protestos com a finalidade de obtenção de direitos, mudanças nas condições de trabalho, na melhoria da qualidade de vida da população, a maioria (81,3%) considera muito importante, 17,3 % considera pouco importante e 1,3 % sem nenhuma importância.

Por outro lado, 47,3 % é totalmente favorável e 48,7 % é parcialmente favorável a fazer protesto. Verifica-se que houve uma diferença considerável nas respostas dos

entrevistados entre considerar importante e ser favorável aos protestos.

Quem são os vândalos para a Tropa de Choque da Polícia Militar de Goiás? A resposta a seguir traz a compreensão de quem são os “vândalos” nomeados em protestos e manifestações públicas a partir dos discursos dos policiais entrevistados, com intuito de saber quais são as características atribuídas a essa categoria.

Inicialmente, destaca-se que os policiais entrevistados apresentam um grande consenso em suas afirmações de que os “vândalos” são pessoas que normalmente não são participantes de um grupo social, mas são indivíduos que saem de casa e vão para os protestos com o objetivo premeditado de produzir violência, com destruição e danos a propriedades e bens privados ou público. Os “vândalos” não fazem reivindicações, não propõem ou visam ao atendimento de uma demanda social. Os manifestantes que recebem tal estereótipo de “vândalos”, associaram-se às seguintes características:

Os vândalos são aqueles que vão para os protestos, não com objetivo de ... atingir uma demanda né, de buscar uma melhoria, de adquirir um direito, mais sim com objetivo de causar violência. Então ele, independente de qual seja é o objetivo daquela manifestação, seja para diminuir a tarifa do transporte público, seja para aumentar salários dos professores, vão ter lá os manifestantes vândalos, que são aqueles que vão preparados para praticar violência durante o protesto. Já saem de casa com esse objetivo, com esse objetivo. (Entrevista nº 14).

[...] vândalo geralmente é um... pessoal que ele já vai preparado para a manifestação para provocar, é esses tipos de... perturbação, de destruição. Então ele... já sai de casa com a mochila, com pedra, com.... coquetel molotov, com estilingues, eles já ... ele usa de um aparato específico para provocar a destruição. (Entrevista nº 9).

Os vândalos são quem depreda, quebra, causa algazarra, gera prejuízo para alguém né, em particular ou para o órgão público. (Entrevista nº 7).

Vândalos são aqueles, é justamente aqueles que buscam, é.... no nosso entender, aqueles que buscam a depredação, a destruição do bem público, que vai prejudicar, que não tão nem aí para nenhuma causa. Eles querem promover a baderna, a destruição. (Entrevista nº 3).

Então, nessa figura plural, os “vândalos” são pessoas que agem coletivamente com um sentido claro - motivação - de utilizar de estratégia que dificultem a individualização de suas ações - anonimato -, visando a causar danos físicos a bens particulares ou públicos e, em alguns casos, arremessar objetos contra os policiais, normalmente, em direção à tropa de choque - resultado.

Os policiais entrevistados percebem esse comportamento dos “vândalos” como pessoas que não merecem ser mencionadas como manifestantes, mas como “infratores da lei”, um tratamento de um “criminoso comum”, aquele que comete o crime de dano ou popularmente chamado de “vandalismo”, o qual deve ser identificado, investigado e preso.

Os vândalos, para nós aqui, é todos aqueles infratores da lei que estão ali, e vão ali só para danificar o patrimônio público, depredação, insuflar as pessoas de bem a praticar atos de vandalismo. Esses aí, para

nós, são os vândalos. (Entrevista nº 6).

Os vândalos são os que vêm justamente para fazer a baderna. Eles não vêm com a intenção de ... às vezes, eles não sabem nem o que está manifestando. Eles vêm ali naquela aglomeração, eles aproveitam para fazer uso de entorpecentes, ali eles fazem pequenos furtos e começam a contagiar o pessoal para fazer saques e quebraadeiras, colocar fogo em ônibus, em veículos particulares, que não têm nada a ver com a situação. (Entrevista nº 2).

Acho que é difícil precisar quem são. Os vândalos, eles usam do anonimato para poder provocar o vandalismo. Então, identificar eles... é complexo. Eu acho que dentro de cada movimento social, existe os vândalos lá infiltrados. A minha opinião é o seguinte, determinados grupos, eles até usam da violência para alcançar determinados objetivos, por exemplo, uma manifestação com relação ao transporte, vamos fechar a rodovia, vamos colocar pneus, e paralisar essa rodovia por determinado período - é uma forma de violência, organizada certo? Com o objetivo específico de chamar a atenção, demonstrar a insatisfação. Por outro lado, essa questão do vandalismo, na minha opinião, são pessoas que não têm compromisso com a causa, que usa do anonimato para poder provocar baderna que não está vinculado diretamente a um movimento social que busca um objetivo de uma melhoria de alguma coisa que necessitam. [...] não devemos dar importância para esse tipo de pessoa. Isto é um serviço de polícia, de investigação, que deveria identificar, prender, acusar o crime que eles tiverem cometido. (Entrevista nº 1).

Nos discursos de alguns policiais entrevistados, aparece o tipo dos “vândalos eventuais”, que são um grupo de pessoas que não saem de casa preparados para provocar danos ou atos de violência em um protesto, mas são pessoas que inseridas em uma manifestação pacífica num determinado contexto ou circunstâncias (eventuais) do protesto, por sentimentos de insatisfação e revolta, apanham objetos encontrados no chão e imediações e iniciam ações de violência e vandalismo.

A gente é, vez ou outra, a gente encontra o vândalo eventual, ah... ele está participando de uma passeata, por exemplo, ele encontra uma caixinha de entulho e usa ali daquele material para causar destruição. Mas geralmente, pelo menos assim a nossa experiência, nesses anos aqui, tem mostrado que o vândalo ele já é vândalo antes de começar a manifestação ele já é vândalo. Ele já vem preparado, com aparatos, com objetos pra... conseguir o objetivo dele que não é manifestar, geralmente o objetivo dele é causar a destruição mesmo. (Entrevista nº 9).

Vândalos são é, são pequenos grupos criados ali naquele momento, não é igual Black Blocs que... eles já têm uma ação orquestrada via internet. Vândalo é aquele que está ali, a princípio é, tranquilo e começam a quebrar as coisas lá, formam um grupinho lá, e começa a.... danificar o patrimônio público e particular. Esses sim são os chamados vândalos. (Entrevista nº 11).

O estigma de “vândalos” oculta não somente características, modos de agir em um protesto, mas, ao mesmo tempo, é interiorizado pelos entrevistados que os “vândalos” tem uma faixa etária identificável - composta de adolescentes e jovens em geral -, pertencentes geralmente ao grupo social dos estudantes e, em outros protestos, aos chamados Anonymous e adeptos da tática Black Blocs. Outra característica

identificada nos “vândalos” é que normalmente são anarquistas.

[...]. Eu acredito assim que mais uma vez, os jovens entre 13 e 17 anos, se valendo novamente da menoridade penal, são os que mais desencadeiam ações de vandalismo dentro de uma manifestação, porque eles não têm uma visão ética, visão social e não têm conhecimento da importância de uma manifestação como as demais pessoas têm. Na maioria das vezes, eles acreditam que as suas ações ali produziram resultados apenas naquela cidade, naquele local e imediatamente. (Entrevista nº 10).

Os agressivos, não só os Black Blocs, têm alguns também que se infiltram nas manifestações do transporte público que a gente observa que não é uma manifestação ordeira para poder buscar algum benefício. O objetivo deles é simplesmente causar destruição, não tem nenhum vínculo social, nenhum vínculo é.... organizado, são simplesmente para destruir, pessoas sem compromisso, são alguns criminosos que se infiltram na manifestação para causar a desordem. São adolescentes, muitos ligados a muitos com passagem criminosa e pessoas sem nenhum tipo de vínculo de responsabilidade social. Inclusive, a própria sociedade é totalmente contra, um tempo atrás, nas manifestações a cerca de dois anos atrás, houve muito dessas pessoas infiltradas, a própria sociedade tirou eles. (Entrevista nº 1).

Eu pessoalmente com esses 15 anos de batalhão de choque, eu nunca vi um... movimento, por exemplo, dos servidores da educação, servidores da saúde, sair quebrando alguma coisa, praticando o vandalismo, eu especificamente nunca vi. Agora, já estudantes, que normalmente, aí entra aquela questão que volto a frisar, a faixa etária, que são os adolescentes principalmente, que todos nós passamos por essa fase, nós sabemos né, que são o pessoal mais exaltado, esses anônimos, os Black Blocks aqueles atuam com o rosto tampado. Esses são, normalmente, são as classes que provocam o vandalismo. (Entrevista nº 8).

Em síntese, ao indagarmos aos 150 policiais militares sobre como enxergam aqueles manifestantes que participam de protestos e provocam danos destruição de bens públicos e particulares e confrontam com a polícia militar, a imagem socialmente elaborada e discutida dos “vândalos” parece ser mais compreendida e interpretada pelos policiais como “infratores da lei” (64% apontaram como infratores da lei, 32 % como vândalos e 4% como anarquistas), uma vez que os policiais, alimentados pela autorrepresentação da função policial como aplicadores da lei e da ordem, tendem a sempre olhar para uma situação como crime ou não, a invocação ou não da lei.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os valores, as crenças, os sentidos, os saberes são os conteúdos das representações sociais, as quais os indivíduos elaboram acerca de um fenômeno social, os quais atribuem em suas ações e em suas relações sociais. Logo, as representações sociais são encaradas como formas práticas de conhecimento de uma realidade social que funcionam na orientação prática das condutas.

Desse modo, esse trabalho, no âmbito da cultura policial, abordou sobre as

representações sociais elaboradas pela Tropa de Choque da Polícia Militar de Goiás decorrente de suas intervenções nas manifestações públicas de protestos.

Essa categoria ou estereótipo “vândalos” tem sido construída socialmente, pois faz parte do discurso da mídia tradicional, autoridades políticas e de outros. Para os policiais entrevistados, essa categoria, no plural, faz alusão aos manifestantes com algumas características: sem vínculo com um grupo social, não expressam demandas, mas que são indivíduos que saem de casa com o objetivo premeditado de produzir violência, com destruição e danos a propriedades e bens privados ou público, a atuação é coletiva e simultânea, buscam o anonimato.

Vale ressaltar que os policiais entrevistados percebem esse comportamento dos “vândalos” como “infratores da lei”, um “criminoso comum”, aquele que comete o crime de dano ou popularmente chamado de “vandalismo”, o qual deve ser identificado, investigado e preso.

O estigma internalizado compreende uma faixa etária identificável - composta de adolescentes e jovens em geral -, pertencente geralmente ao grupo social dos estudantes, quando estão promovendo perturbação à ordem, e, em outros protestos, aos chamados Anonymous e aos adeptos da tática Black Blocs.

Durante e após as manifestações públicas do ano de 2013 em Goiás, a Polícia Militar de Goiás elevou o efetivo da tropa de choque, passou a treinar e especializar os policiais militares a fim de estarem melhor qualificados para atuarem na dispersão de manifestantes, quando os eventos de protesto incorrerem na “quebra” da ordem pública.

Outra medida foi a criação do Batalhão de Polícia Militar de Eventos (BEPE), unidade especializada enviada para os eventos com grande aglomeração de pessoas, isto é, para realizar o policiamento de multidões.

O conteúdo das representações são os valores, as crenças, os sentidos, os saberes que os indivíduos elaboram acerca de um fenômeno social, os quais atribuem em suas ações e em suas relações sociais. As representações sociais são formas práticas de conhecimento de uma realidade social, que os indivíduos elaboram para compreender e dar sentido a suas ações sociais, para compreender a realidade a sua volta. Portanto, as representações sociais são uma forma de conhecimento do social que também funciona na orientação prática das condutas dos indivíduos.

Referências

BRITO, José Caetano de. A evolução histórica da polícia militar de Goiás: uma proposta bibliográfica. 1991. f. 160. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Academia de Polícia Militar de Goiás, Goiânia, 1991.

BUFORD, Bill. Entre os vândalos: a multidão e a sedução da violência. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

COSTA, Alexandre Henriques da. Tropa de choque: elite operacional das polícias militares.

São Paulo: Ernesto Reichmann, 2002.

_____. As representações sociais da tropa de choque da Polícia Militar de Goiás sobre protestos e manifestantes. 2016. f.165. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016a.

_____. Movimentos sociais, protesto e manifestações públicas. In: VIANA, Nildo (Org). Movimentos Sociais: questões teóricas e conceituais. Goiânia: Redelp, 2016b.

COSTA, L.D; JUNQUEIRA, I. A. A. Manuais de condutas de tropas

de choque: fundamentos para a repressão. Revista Brasileira de Segurança Pública, São Paulo v. 11, n. 2, p. 200-215, Ago/Set 2017.

_____. HERBERT, Reiter. Policing protest: the control of mass demonstrations in western democracies. United States of America: University of Minnesota, 1998.

DURKHEIM, E. As regras do método sociológico. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FARR, Robert M. As raízes da psicologia social moderna (1872-1954). Trad. Pedrinho A. Guareschi. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

GOIÁS. POLÍCIA MILITAR. Manual de Operações de Choque. Batalhão de Polícia Militar de Choque, Goiânia-Go, 2015.

_____. História da Polícia Militar de Goiás. Goiânia, 1999.

GUARESCHI, P, JOVELOVITCH, S. Introdução. In: _____ (Org.) Textos em representações sociais. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

HUGGINS, Martha K. Polícia e política: relações Estados Unidos e América Latina. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Cortez, 1998.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: _____ (Org.). Representações Sociais. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

MOSCOVICI, Serge. A psicanálise, sua imagem e seu público. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. Representações sociais: investigações em psicologia social. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. Prefácio. In: GUARESCHI, P. Jovelovitch (Org.) Textos em representações sociais. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PORTO, M.S.G. Sociologia da violência: do conceito as representações sociais. Brasília: Francis, 2010.

_____. Representações sociais e violência. In: LIMA, Renato Sérgio; RATTON, José Luiz e AZEVEDO, Rodrigo G. (Org.) Crime, polícia e justiça no Brasil. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. Realidade, representações sociais e segurança pública: uma interpretação.

In: MENEZES, Joelina (Org.) Segurança Pública: representações sociais e Políticas de Formação. São Cristóvão: Editora UFS, 2009.

_____. Condutas Policiais e códigos de deontologia: um estudo comparativo sobre as relações entre polícia e sociedade. Brasília, Ministério da Justiça, 2005.

_____. Mídia, Segurança Pública e Representações sociais. Tempo Social, v.21, p. 211-233, nov. 2009.

_____. Crenças, valores e representações sociais da violência. Sociologias. Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez 2006, p.250-273.

_____. Polícia e Violência: representações sociais de elites policiais do Distrito Federal. São Paulo em Perspectiva. v.18, São Paulo, p. 132-141 jan. /mar. 2004.

SÁ, Celso Pereira de. A construção do objeto de pesquisa em representações sociais. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

_____. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, S.M (Org.) O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, P. JOVELOVITCH (Org.). Textos em